

TEORIAS & OUTRAS ESCRITAS: O PENSAMENTO FEMINISTA NEGRO E SUAS MÚLTIPLAS EXPRESSÕES

Mariane Silva Reghim³⁷

RESUMO: O presente ensaio gira em torno da concepção e desenvolvimento da crítica feminista, especialmente pelas autoras Judith Butler, Patricia Collins, Donna Haraway, Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento, aprofundando nas especificidades de cada uma no trato em lidar com a ciência, com o conhecimento e no conhecimento acerca das relações de gênero e das relações raciais. Para além das constatações observadas nas obras das autoras, mobilizo o grupo de *rap* e *soul* Rimas & Melodias enquanto interlocutor do pensamento feminista negro. A ideia é discorrer acerca de temas, conceitos e termos trabalhados pelas autoras de maneira a encontrar pontos de convergência e distanciamento entre a linguagem acadêmica e a linguagem artística, retomando o ponto de que ambas são importantes para a compreensão do feminismo negro. Como conclusão encontrada, reitera-se a diversidade de corpos enquanto produtores de conhecimentos.

PALAVRAS CHAVE: Pensamento feminista negro. Crítica feminista da ciência. Saberes Localizados.

1. INTRODUÇÃO³⁸

O conhecimento científico está longe de ser algo produzido em um mundo à parte, por pessoas que vivem isoladas em laboratórios e só experienciam isso. O fato de possuir um método e uma linguagem próprios não significa que não haja diálogo com outros tipos de produção como as artísticas e literárias. Entender a ciência passa também por entender as/os sujeitas/os que a produzem – aqui também pensando a maneira encarnada que vivem e experienciam o mundo.

O corpo foi e tem sido amplamente estudado por diversas áreas da ciência, desde sua anatomia até sua psique, em seus aspectos mais individuais até os mais coletivos. Entender o corpo em sua totalidade enquanto produtor de conhecimentos é um dos pilares do presente ensaio. Bem como entender que

37 Mestra e doutoranda em sociologia pelo IESP-UERJ, editora da CESP, pesquisadora do NETSAL. E-mail para contato: marianesreghim@gmail.com

38 O presente trabalho é fruto de reflexões advindas da disciplina Antropologia do gênero e da sexualidade, ocorrida em 2017 e ministrada pela professora María Elvira Díaz-Benítez, sua orientanda Barbara Pires e seu orientando Everton Rangel. Agradeço, portanto, por esses momentos de troca coletiva e também aos comentários das/os pareceristas.

os corpos que produzem ciência vivem e experimentam o mundo em outros lugares, seja em sua existência cotidiana, rotineira e suas incursões afetuosas. No entanto, não me refiro aqui a um corpo abstrato ou indefinido. O corpo é entendido enquanto sua existência material e cognitiva. O corpo que é atravessado por gênero, cor, que vive em determinado país, estado, cidade, comunidade. O corpo que busca por outros corpos, estabelecendo laços de amizades, familiares, sexuais e muitos outros. De maneira objetiva, o que pretendo é apontar diálogos possíveis entre a epistemologia feminista e artistas nacionais e suas produções sobre conhecimento científico e o conhecimento vivido.

Para tanto, o trabalho é dividido em dois momentos: a princípio, algumas reflexões sobre o corpo e a ciência, ou, de maneira mais específica, corpos *gendrados*³⁹ e uma ciência que não se pretende neutra. Em seguida, partindo das reflexões das autoras Collins, Gonzalez e Nascimento, busco uma interlocução com o grupo Rimas & Melodias⁴⁰, pensando nas relações entre essas produções que, ainda que em linguagens diferentes, apresentam ideias e formulações próximas.

A compreensão do contexto histórico, social e político são fundamentais para compreender alguns eventos, inclusive a produção de obras científicas, literárias e artísticas. Ortner (2016) escreve a partir dos Estados Unidos e utiliza o neoliberalismo como um ponto de inflexão para o entendimento do surgimento de um novo modo de fazer antropologia, a *dark* antropologia, ou seja, a “antropologia que enfatiza as dimensões duras e brutais da experiência humana e as condições estruturais e históricas que as produzem” (ORTNER, 2016, p.49⁴¹), bem como o modo como essa *dark* antropologia produz conhecimento sobre o neoliberalismo. Ao mapear os debates e embates entre diferentes campos antropológicos, a autora também busca elementos culturais a fim de demonstrar o modo como vários processos micro e macro, locais e globais estão relacionados.

Para além de suas constatações, que acredito serem frutíferas no que concerne ao entendimento da antropologia, o que mais me chamou a atenção, em termos relacionais, é como ela e Collins (2012, 2016) anunciam uma mesma ideia, mas de maneira bem diferente, ou seja, a utilização, bem como o reconhecimento, de outras linguagens que não apenas a científica para a valorização e compreensão mais ampla dos processos macros. Ortner remete, principalmente, a documentários e longa-metragens que dialogam com sua temática principal, o neoliberalismo, enquanto Collins defende a elaboração

39 Marcados por especificidades de gênero (DE LAURETIS, 1994, p. 206).

40 Em 2018, eu entrei em contato com a produtora do grupo, informando que havia elaborado o presente trabalho e que havia a intenção em publicá-lo. A minha intenção era que as artistas pudessem autorizar a publicação, no entanto, apesar de confirmarem o recebimento do mesmo nunca mais obtive retorno. Sendo assim, as interpretações que vão além das letras são de minha inteira responsabilidade.

41 No original: “that is, anthropology that emphasizes the harsh and brutal dimensions of human experience, and the structural and historical conditions that produce them.” Tradução livre da autora.

do reconhecimento dos saberes elaborados por mulheres negras que levam em consideração as obras literárias, cantigas e hábitos.

Ambas as autoras, mas não só elas, como veremos adiante, desenvolvem seu argumento em contraposição a determinados preceitos já estabelecidos do campo científico, buscando avançar no modo de concepção do conhecimento científico. O ensaio seguirá a linha da crítica feminista com a intenção de romper certos pressupostos da ciência tradicional e pensar alternativas analíticas no trato da realidade social. Antes de prosseguir com o tema central deste trabalho, gostaria de tratar brevemente sobre o que estou entendendo por teoria crítica feminista.

Uma teoria crítica, em termos frankfurtianos, de maneira bem simplória, pode ser definida pela sua preocupação em unir empiria à teoria, indivíduo e sujeito, saber e agir. Há, no mesmo plano, um anseio, através do papel do pesquisador, de transformação e emancipação, pois, como o autor defende, é impossível separar o ser pensante de seu objeto e de seu objetivo. Ela se contrapõe à teoria tradicional, que seria aquela preocupada em descrever a realidade, cujo objetivo seria descobrir os princípios de conservação da realidade natural (HORKHEIMER, 1975).

Para Ortner, a “crítica cultural” está associada às condições de escrita antropológicas nas quais prevalecem “desigualdade, poder e violência em várias partes do mundo” (ORTNER, 2016, p.61⁴²) e também aquela na qual a/o autor/a pode mobilizar suas próprias experiências de resistência bem como o contexto político, econômico e social para elaborar análises que apresentem alternativas a um dado contexto. Enquanto para Collins, a teoria social crítica atrelada ao pensamento feminista negro seria aquela que “abarca corpos de conhecimento e conjunto de práticas institucionais que lidam ativamente com as questões centrais que enfrentam as mulheres negras estadunidenses como grupo” (COLLINS, 2012, p. 116⁴³).

Há ainda a abordagem das feministas do Sul, que explicita a intrínseca relação entre o sistema de gênero e o sistema colonial pelo qual passaram diversos países da América Latina. Lugones (2008), em diálogo/debate com a produção de Quijano, defende que o processo de colonização, para além das relações de dominação e poder que resultaram na ideia de raça, também criaram o sistema moderno-colonial de gênero. Assim, defende uma perspectiva interseccional na qual raça e gênero são compreendidos de maneira conjunta, sem possibilidade de separação. Além disso, a autora reflete o modo como o sistema colonial de gênero também foi efetivo na construção de um tipo de organização social que exclui as mulheres das posições de poder e de construção do conhecimento. “E, portanto, é importante entender em que medida a imposição desse sistema de gênero foi tão constitutiva da colonialidade do poder quanto a colonialidade do poder

42 No original: “inequality, power, and violence in various parts of the world”. Tradução livre da autora.

43 No original: “abarca cuerpos de conocimiento y conjuntos de prácticas institucionales que lidian activamente con las cuestiones centrales que enfrentan las mujeres negras estadunidenses como grupo.” Tradução livre da autora.

foi constitutiva desse sistema de gênero.” (LUGONES, 2008, p. 93⁴⁴). Dentre várias preocupações da autora, uma delas é refletir sobre como essa forma de colonização de gênero afetou no modo como conhecemos as sociedades antes de sua colonização, principalmente seu modo de concepção (ou da falta de) do que é gênero – ou as relações entre homens e mulheres organizadas dessa forma.

De modo geral e em consonância com as definições apresentadas, as críticas feministas mobilizam ambos os elementos para nomear-se como crítica, ou seja, tanto o questionamento de determinados pressupostos quanto o reconhecimento da importância do contexto. Sem querer separar essas esferas neste trabalho, penso que alguns pontos centrais das críticas giram em torno da importância das experiências pessoais na produção do conhecimento de si e intelectual; a ruptura com normas arcaicas; a valorização do corpo; o questionamento do caráter dual de organização da compreensão acerca do mundo. A ponderação entre a continuidade/ruptura de categorias, conceitos e outros imperativos está sempre presente, como um guia que possibilita a permanência da crítica no campo científico mesmo que seus pressupostos e suas categorias estejam sendo questionados.

Antes de entrar nas autoras de maneira mais detida, é necessário fazer ainda um pequeno parêntese. A crítica feminista não pode ser compreendida como um campo homogêneo e desprovido de disputas e debates. Muitas são as críticas elaboradas a partir de diversos pontos de vista. Sendo assim, há críticas que vão se preocupar em apontar as incongruências próprias da ciência (críticas epistemológicas, ontológicas e metodológicas), enquanto outras vão elaborar suas críticas a partir de um conhecimento já estabelecido acerca do feminismo, questionando seu caráter branco e do Norte, principalmente.

A ideia da homogenização das mulheres, inclusive, é sempre um ponto de tensionamento nesses escritos. Afinal, apesar da experiência em comum de se viver como mulher no mesmo mundo e numa mesma época, isso não é suficiente para abarcar todas as outras diferenças (e desigualdades) advindas pela raça, localização geográfica, sexualidade, classes sociais, cidadania etc. Ou seja, além de ser mulher, há muitos outros fatores que vão afetar o modo de estar e produzir sobre o mundo.

As autoras que aqui são apresentadas enquanto crítica feminista, portanto, devem ser compreendidas na chave das diferenças/igualdades que permeia todo o debate feminista. Cada uma compreendida na sua singularidade, mas que não deve ser confundida com uma individualidade neoliberal que desloca questões que nos são caras politicamente para o âmbito do mercado e das necessidades individuais.

44 No original: “Y, por lo tanto, es importante entender hasta qué punto la imposición de este sistema de género fue tanto constitutiva de la colonialidad del poder como la colonialidad el poder fue constitutiva de este sistema de género”. Tradução livre da autora.

2. É O CORPO UMA MÁQUINA?

A fim de perceber o amplo leque de críticas possíveis, a ideia é apresentar cada autora e o modo como sua crítica quanto a relação entre corpo/gênero e ciência é proferida. Assim, neste momento, pretendo apresentar as propostas de duas autoras que estão, ao menos nestes textos aqui discutidos, preocupadas em entender a relação entre cultura e natureza, sexo e gênero e de que modo o conhecimento feminista e a ciência podem avançar em termos de romper (ou não) com certas binaridades vigentes. Nessa parte, vamos começar com Haraway, que faz uma crítica mais exclusiva em relação à ciência. Em seguida, passamos para Butler, para quem gênero e sexo possuem mais continuidades do que descontinuidades.

Donna Haraway é bióloga, filósofa e escritora, de modo que essas formações permeiam sua obra de maneira muito inventiva. Existe um forte apelo ao corpo e à natureza socialmente construída, digamos assim. Quer dizer, há uma perspicácia, por parte da autora, na maneira de enxergar o mundo que está sempre refletindo de maneira a relacionar o natural e o social de modo conjunto. Haraway defende a noção de conhecimentos localizados para se referir à sua proposta. Seu argumento, ao menos neste trabalho, se debruça incansavelmente sobre o tema da objetividade na ciência feminista. Para tanto, defende a ruptura objeto/sujeito, atribuindo identidade, parcialidade e posição ao sujeito (ou sujeita) que, então, poderá alterar o modo de lidar com o objeto (ou problema). O saber localizado aparece como um artifício teórico-prático para desmitificar a universalidade e a generalização (ou falta de interesse privado) dos argumentos que enquadrámos enquanto tais. Atribui-se corporeidade, e a existência de sentimentos é reconhecida, de modo que eles possam ser usados para especificar e demarcar interesses.

O corpo adquire centralidade em sua tese, não sendo desconsiderado e não sendo considerado apenas no plano da construção social. Ou seja, epistemologia e ontologia partem de uma mesma concepção de sujeito corporificado que será o foco da questão, oferecendo saídas que perpassam pelos corpos e seus gêneros – ou a falta deles. Mas não qualquer corpo, a perspectiva da autora parte da noção de um corpo ciborgue, no qual sociedade e natureza são fundamentais para a sua existência.

Precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro (HARAWAY, 1995, p. 16).

A metáfora escolhida para explicar seu ponto de vista é a visão tida enquanto mediação entre mundo e a/o sujeita/sujeito que o enxerga. Além da visão proveniente do órgão que faz parte do corpo humano, o olho, mas também como a partir da visão podemos traduzir o mundo através de microscópios, por exemplo, que adaptam um mundo que nos seria invisível para que nossa percepção o apreenda, assim como as fotografias ou os óculos.

Todas essas fotografias do mundo não deveriam ser alegorias da mobilidade infinita e da permutabilidade, mas da elaborada especificidade e diferença (...) isto não é distanciamento alienante; é uma alegoria possível para versões feministas da objetividade (HARAWAY, 1995, p.22).

Apesar de cada pessoa conseguir enxergar à sua maneira, com seu olhar, a ciência é capaz de conseguir adaptar esse olhar para que outras pessoas também possam vê-lo. A visão parcial é localizada no olhar e a consciência da mesma, associada à tentativa e à vontade de traduzi-la para o próximo, é o que deve definir a ciência e a objetividade aqui postulada.

A relação dicotômica entre natureza e cultura, gênero e sexo aparece como uma constante nas obras de autoras feministas ou de estudos de mulheres/gênero. Não pretendo esgotar esse tema aqui, mas perceber como as autoras tratam o tema de acordo com suas pressuposições e posicionamentos pode ser bem interessante. Tanto Haraway (1995) quanto Butler (2004) estão preocupadas em lidar com essa temática. Para Butler, sexo sempre foi como gênero e o gênero é tido como uma forma de compreender o sexo, enquanto para Haraway, essa dicotomia não deve ser colocada totalmente em suspensão.

Butler, no artigo intitulado *The Question of Social Transformation*, começa repensando partes de sua teoria elaborada em *Gender Trouble*. Não pretendo voltar ao texto base, no entanto, é necessário entender esse artigo como resposta a várias provocações e críticas que ela recebeu por aquela obra. Para além de tudo isso, vou apostar nas continuidades, ou seja, na sua compreensão de que o gênero “é produzido de forma complexa por meio de práticas identificadoras e performativas e esse gênero não é tão claro ou tão unívoco quanto nós às vezes somos levadas/os a acreditar.” (BUTLER, 2004 p. 212⁴⁵)

A autora começa se perguntando sobre elementos que possam estar presentes em todas, se não na maioria, das vertentes feministas e, de acordo com a sua conclusão, a importância da sobrevivência é uma constante. Esse ponto é muito importante pois nos ajuda a refletir sobre até que ponto é possível que nós, enquanto mulheres, consigamos elaborar, sobre questões filosóficas ou de ordem

45 No original “gender is complexly produced through identificatory and performative practices, and that gender is not as clear or as univocal as we are sometimes led to believe.” Tradução livre da autora.

prática, se o direito à nossa existência e à nossa vida não está garantido. Evidente ressaltar que a vida de algumas mulheres está mais ameaçada que a de outras.

A autora utiliza a ambiguidade da existência das normas para avançar nesse debate, uma vez que assim como precisamos de normas que ordenem nossas vidas, elas também podem ser violentas conosco. A partir disso, a autora desenvolve seu questionamento “perguntando sobre o tipo de normas que governam o gênero e perguntando, em particular, como eles restringem e permitem a vida, como eles designam antecipadamente o que será e não será uma existência habitável” (BUTLER, 2004, p.206⁴⁶). Daí em diante, sua argumentação vai no sentido de, ao considerar o gênero como decorrente de normas e de considerar que as normas são passíveis de transformação, mas também de conservação, tentar entender como a performatividade dos gêneros também pode ser violenta ou transformadora.

Em *Gender Trouble*, por exemplo, a autora mostra como certas categorias, como *butch e femme*, mais do que cópias de uma “heterossexualidade original”, são enquadramentos similarmente construídos e estabelecidos performativamente tais como homem, mulher, bicha, caminhoneira etc. Ou seja, não há cópia porque não existe um modelo original. O que não significa, por outro lado, que todas/os experienciem o mesmo tipo de vivência.

Butler, em diálogo com Foucault, busca explicações a fim de apontar de que maneira o que pode ser considerado real é uma questão de reconhecimento e também de poder. A autora está argumentando em relação ao gênero, ou à existência *drag* nesse trecho específico, mas essa afirmativa explica porquê, por tanto tempo, apenas um tipo de conhecimento foi considerado como o correto. O fato de conhecimentos produzidos por mulheres e por mulheres negras não terem sido reconhecidos por tanto tempo é um exemplo disso e uma consequência do modo como a ciência operou (e opera) por tanto tempo.

O fato de ser permitido a mulheres desempenharem determinadas “funções” ou ocuparem determinados espaços também pode ser compreendido nessa chave, uma vez que as barreiras encontradas para ocupar salas de aula, bibliotecas, ou mesmo laboratórios, influencia diretamente na quantidade de mulheres exercendo essas atividades e também nas características subjetivas dos conhecimentos produzidos nesse ambiente hostil à sua presença (BUTLER, 2004; COLLINS, 2012). Ou ainda, se formos pensar na realidade nacional, de que maneira as relações de escravidão perpetuaram e engessaram lugares e posições específicas para mulheres negras, em contraposição às mulheres brancas e a homens brancos e negros (GONZALEZ, 2019⁴⁷, NASCIMENTO, 2019⁴⁸).

46 No original: “I would like to start first by asking about the kind of norms that govern gender, and to ask, in particular, how they constrain and enable life, how they designate in advance what will and will not be a livable existence.” Tradução livre da autora.

47 O texto é originalmente de 1984, tendo sido apresentado no anuário Ciências Sociais Hoje da ANPOCS - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.

48 O texto é originalmente de 1976, tendo sido publicado como um artigo de jornal.

Por fim, se o gênero é performatividade, então não existe gênero certo ou errado, apesar de que a cultura, utilizando o poder e o reconhecimento, cria determinados modelos que são mais reconhecidos. Para a autora, um dos objetivos, ao se posicionar enquanto feminista e teórica, está em reaver nossas categorias de modo a torná-las mais inclusivas e responsivas visando à transformação democrática radical de que precisamos.

Como vimos até agora, a preocupação de Haraway e Butler, ao menos nesses textos, está concentrada em entender a relação entre corpo e gênero e de que maneira a ciência, através de todo seu arcabouço, pode contribuir para manter essas assimetrias, bem como pode transformá-las. No entanto, a crítica feminista não se esgota aí. O pensamento feminista negro, que aqui será apresentado através da perspectiva de Collins, Gonzalez e Nascimento, também aborda alguns dos elementos apresentados, mas nos apresenta questões e conceitos que, até então, não apareceram.

3. O CORPO DIZ: EU SOU UMA FESTA

Segundo Collins, o pensamento feminista negro

... surge dentro e trata de articular um ponto de vista grupal das mulheres negras em relação às experiências associadas com suas opressões interseccionais, [de modo que] é importante notar a composição heterogênea desse ponto de vista do grupo (COLLINS, 2012, p.112⁴⁹).

Apesar das experiências em comum, não podemos supor que todas as mulheres negras pensem igual e reajam da mesma maneira, ou seja, que sejam um grupo homogêneo. O grupo Rimas & Melodias pode ser considerado uma interessante oportunidade para entender esse tensionamento entre indivíduo e grupo/coletivo. O grupo é composto por sete mulheres diferentes, sete vozes que possuem trajetórias específicas, mas que possuem um mesmo histórico de luta pela sua sobrevivência e também pelo reconhecimento na cena do *rap*, *rhythm & blues* (R&B).

Rimas & Melodias começou a se juntar em 2015 quando a cantora Tatiana Bispo e a *deejay* Mayra Maldjian decidiram tirar do papel a ideia de reunir minas do *rap* e minas do *re&b/neo soul* – daí o nome do projeto – para uma *music session*. A formação do grupo foi fácil, naturalmente e, por afinidades musicais,

49 No original: "... surge dentro y trata de articular un punto de vista grupal de las mujeres negras en relación a las experiencias asociadas con sus opresiones interseccionales, es importante señalar la composición heterogénea de este punto de vista grupal." Tradução livre da autora.

juntaram-se a elas a cantora Alt Niss, as cantoras e *rappers* Drik Barbosa e Tássia Reis, e as *rappers* Karol de Souza e Stefanie⁵⁰.

As canções são escritas pelas sete componentes, de modo que, na mesma canção, podemos experienciar ritmos, pegadas e vozes diferentes que, ora se sobressaem, ora se misturam, tornando-se uma só. Cada uma, com sua trajetória e anseios, colabora e recebe colaboração de todas as outras, de modo que cada canção é, em si mesma, uma obra completa. Perceba que não é uma coletânea na qual cada uma canta sua música e, no final, temos um disco com sete músicas de sete artistas diferentes; não, são sete mulheres compondo a letra (rimas) e melodia de cada música. Um trabalho que conta com a participação de todas do início ao fim e que possui um resultado que é, ao mesmo tempo, diferente do trabalho individual de cada uma, visto que cada artista tem seus projetos individuais, mas também é possível identificar nele traços de cada uma.

A tensão existente entre indivíduo e grupo é amplamente trabalhada em Collins (2016), em conjunto ao desenvolvimento da característica de *outsider within* de intelectuais negras. Sempre deixando explícito que o contexto analisado é o dos Estados Unidos, a autora demonstra como a vivência, principalmente da mulher negra naquele país (e no nosso também), interferiu na vida de intelectuais negras na universidade. Em linhas gerais, ser uma *outsider within* é ser aquela pessoa que, mesmo tendo estudado e dividido os espaços acadêmicos, ainda assim não é considerada/nem se considera como uma igual ao perfil dominante desse espaço, os homens brancos. Por outro lado, essa escolaridade e acesso a esses espaços também a diferencia das pessoas familiares que não tiveram a mesma possibilidade de acesso à universidade, por exemplo. Essas exterioridades permitem, segundo a autora, que o pensamento feminista negro seja capaz de ver coisas e tecer análises que ainda não foram feitas.

Collins (2016) ainda nos indica como o pensamento negro, devido à sua característica *outsider within*, está em constante diálogo com as teorias clássicas e contemporâneas das ciências sociais, mas também com o seu povo, que não teve acesso a esse ambiente. Daí, portanto, a valorização de saberes extra-acadêmicos enquanto demonstrações de resistências e conhecimentos, mas também como interlocutores que permitem enxergar o que está faltando ou questionar o que está como dado.

Essa vivência que acopla diversas singularidades, gênero, raça e classe social foi uma das principais inovações apresentadas por pensadoras negras estadunidenses em termos conceituais, mas que também já estava presente nas análises das pensadoras negras brasileiras como Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento. O fato de os homens brancos estarem dentro por tanto tempo os impediu de ver como esses três elementos operam e podem ser analisados em

50 As informações sobre a formação do grupo foram retiradas de <http://entretenimento.r7.com/pop/musica/gruporimas-amp-melodias-reune-sete-garotas-criativas-que-juntam-rap-e-soul-29062016>, mas existem outros sites com a mesma informação. A partir disso, as análises feitas por mim foram coletadas do perfil do grupo no Facebook e também da minha percepção das músicas, dos cliques e do disco.

termos interseccionais, ou seja, através da natureza interligada das opressões. Collins (2012, 2016) destaca que a vivência das mulheres negras é tão sobreposta quanto suas ideias sobre a sua própria vida, bem como sobre a vida em geral, ou seja, seu modo de inserção dinâmico, mas, ainda assim, sempre ocorrido numa “posição” inferior, é projetado no modo de compreensão do mundo.

No Brasil, a natureza da opressão também é interligada. A primeira música do disco *Rimas & Melodias*, nome homônimo ao do grupo, chamada *Origens*, apresenta diversas dessas intersecções. Um elemento constante é a busca pelas raízes das famílias, sendo muitas descendentes de pessoas oriundas da região nordeste brasileira, bem como da miscigenação - “...Ela é/ Neta de nordestino/ E na história dela tem uma mistura de preto com índio/ Infância humilde, mas fizeram um corre...” -, mas também provenientes da região sul - “Sou Portugal, Itália e provavelmente Angola/ Sim, eu sou cria da Umbanda/ Do Sul do Brasil outras bandas/ Budismo e herança africana, correm no sangue da curitibana” -, ou seja, é possível identificar traços de semelhanças e de diferenças que delineam perfis e trajetórias que culminam em uma só obra.

Como também aponta Collins, ao defender a noção

de Mullings de cultura sugere que os valores que acompanham a autodefinição e a autoavaliação terão uma expressão concreta e material; estarão presentes em instituições sociais como a Igreja e a família, na expressão criativa da arte, da música e da dança e, se não forem reprimidos, nos padrões de atividade econômica e política. (COLLINS, 2016, p. 111).

As cantoras aqui utilizam suas origens e raízes como elementos de orgulho e de reconhecimento de onde vêm, de modo a romper com estereótipos que são associados a pessoas oriundas desses lugares, bem como todo preconceito e violência que atingem as religiões de matriz africana. Ou, em outros termos, utilizam a autodefinição e a autoavaliação para desestabilizarem as correlações de poder existentes.

Na canção nomeada *Coração*, as temáticas do racismo, ancestralidade e do reconhecimento também são mobilizadas: “Chega de senzala/ Dandaras/ Nossa luz exala superação/ Desde a senzala nosso corpo sempre foi alvo da/ hipersexualização/ Canto alto por libertação, legitimação/ Ouça nossa voz/ Nova geração, não corremos sós”. A identificação do elemento estrutural, da história de escravidão, mas também do *apartheid* lembrado por Collins, é um fator fundamental para a compreensão de si, de cada uma, mas também da vivência da mulher negra no geral. Mas há uma demanda de serem vistas para além dessa história e reconhecidas por suas próprias lutas, histórias e vozes. O corpo hipersexualizado da mulher negra, mas que também é alvo de violência, racismo e perseguição, une essas mulheres que querem ser vistas além de corpos,

ou de objetos, mas também enquanto artistas que possuem suas rimas afinadas e contextualizadas, cheias de histórias e união, afinal “Eu tô no *Rap* ou no *Miss Universo*?” (Manifesto/Pule, Garota).

O reconhecimento e a união com outras mulheres também é perceptível pela menção direta feita a todas elas, conhecidas ou anônimas - Dandara, Maria Eduarda, Conka, Myriam, Melissa, Carla, Alt Niss, Cláudia, Conceição Evaristo, entre outras -, vítimas de racismo ou outros tipos de violência, intelectuais, mulheres de luta e mães, primas, amigas, irmãs. O cume desse reconhecimento é a homenagem com a música “Elza”, feita especialmente para a cantora Elza Soares: “A carne mais barata/ Sempre venceu as treta/ Santo Deus me fez forte!/ Resisti! Mulher preta!(...) Uuh, majestade força a inspirar”. A irmandade ou *sisterhood*, “entendida como comumente compreendida como significando um sentimento solidário de lealdade e ligação com outras mulheres, decorrente de um sentimento compartilhado de opressão – tem sido uma importante parte da cultura das mulheres negras (DILL, 1983: 132)” e fica, portanto, evidente (COLLINS, 2016, p.111).

Um outro elemento sempre presente, tanto nas teorias proferidas por mulheres negras como também nas letras do grupo, é referente aos afetos. A letra de *Manifesto* traz, logo no início, os seguintes versos

Ele vem comendo sua mente na pressão psicológica/
Na relação te deprecia e isso não tem lógica/
E você acredita em cada palavra dita/
Perdendo sua identidade, de si já desacredita/
Não é mais a mesma fita mas não consegue enxergar/
Do jeito que tá não dá, a que ponto cê vai chegar/
Até quando vai aceitar, vai acatar o que ele impõe, ele/
não propõe/ Sem direitos, mas aqui a gente se opõe/
Capaz de te fazer sentir errada, manipulador/
Se soubesse que era cilada fugia da dor/
Pra mim isso não é amor, quem ama não põe medo,/ aponta o dedo/
Com vergonha você guarda seus segredos/
Quem devia te acolher, te dar abrigo, ser amigo/
Embaixo do mesmo teto, vivendo com o inimigo/
Tá correndo perigo sem coragem de renunciar/
Esse som é pra anunciar, *gaslighting*⁵¹ é a denúncia (“Manifesto/Pule, Garota” - Rimas & Melodias)

Aqui, as autoras enfatizam as relações de violência que, muitas vezes, vêm com as relações de afeto e o fato de terem suas subjetividades, seus anseios, seus desejos, aspirações profissionais, minados em prol de uma relação afetiva-sexual. Ao mesmo tempo, reivindicam um amor que é capaz de colaborar, conviver e se solidarizar com suas vidas e seus sentimentos. Se, por um lado, tal trecho está relacionado com as taxas de violência doméstica que, de maneira geral, advém

51 “*Gaslighting* (ou *gas-lighting*) é uma forma de manipulação psicológica na qual o agressor faz a vítima questionar sua própria inteligência, memória ou sanidade”. Para mais informações: <https://www.significados.com.br/gaslighting/>

de parceiros/ex/parceiros, há também um movimento para superar a estatística na busca por uma parceria que não seja centrada na violência, seja física, seja psicológica.

“Romper silêncios é o primeiro passo para a cura/ Quanto tempo você não escuta o som da própria voz?/ Por medo de incomodar, a gente cala as justiças/ Mas dá pra promover mudanças no conforto?” (“Manifesto/Pule, Garota”), diz a letra. E a busca pela cura torna-se coletiva, não mais individual. O silenciamento torna-se voz, a voz das mulheres negras. A voz que busca por segurança e sabe que essa segurança só é possível alterando as relações de poder estruturais.

Também Beatriz Nascimento havia refletido acerca das relações entre a mulher negra e o amor (2019b). Nesse texto, a autora enfatiza as diversas dinâmicas pelas quais corpo, gênero, raça, classe e amor podem se relacionar. A posição da mulher negra é compreendida a partir de uma contextualização histórica, na qual mulheres negras sempre trabalharam na casa de seus patrões (e patroas) brancos/as. A mulher negra enquanto empregada da família, que cuida dos filhos da patroa, responsável, inclusive, pelo “trabalho afetivo”, acaba sendo reduzida a essa posição de trabalhadora e deixa de ser vista enquanto uma pessoa que também pode ser amada. Situação essa que pode se alterar de acordo com as relações de classe.

Quanto mais a mulher negra se especializa profissionalmente em uma sociedade desse tipo, mais é levada a individualizar-se. Sua rede de relações também se especializa. Sua construção psíquica, forjada no embate entre sua individualidade e a pressão da discriminação racial, muitas vezes surge como impedimento à atração do outro, na medida em que este, habituado aos padrões formais de relação dual, teme a potência inesperada dessa mulher. Também ela, por sua vez, acaba por rejeitar esses outros homens, pois não aceitará uma proposta de dominação unilateral. (NASCIMENTO, 2019b⁵², p.267).

A autora adentra no modo como as relações afetivas são intrinsecamente influenciadas e afetadas pelo modo de existência material no mundo, principalmente pela divisão (sexual e racial) do trabalho. Quando mulheres negras não ocupam posições que seriam esperadas e subvertem a lógica de dominação, elas também afetam o modo de se relacionar com seus parceiros, que, muitas vezes, não aceitam estar com alguém que possa ocupar um cargo melhor que o seu e recebendo mais por isso. Ou seja, uma vez que a mulher negra consegue autonomia material e financeira, podendo escolher o tipo de ocupação, ela também não estará sujeita a aceitar qualquer tipo de relação afetiva.

Isso é muito importante, pois, ao mesmo tempo que desnaturaliza as relações afetivas, colocando-as na mesma lógica da formação racial no Brasil,

52 Texto escrito originalmente em 1990.

também rompe com a ideia de que pautas raciais, de gênero e de sexualidade são “apenas” identitárias. Entender corpos racializados e *gendrados*, bem como as relações afetivas que esses viverão, é também entender toda a lógica que estrutura as relações de trabalho e a distribuição de riqueza e pobreza no país.

Por fim, gostaria de apontar que o deslocamento entre diferentes espaços e ambientes e a irmandade entre essas mulheres é que propiciam, também para essas cantoras, cantar *rap* e *soul*, estilos majoritariamente cantados por homens. Collins finaliza apontando como o status de *outsider within* pode ser usado de maneira potencialmente criativa, e ousado dizer que essa vivência não é uma especificidade da academia, mas quase um modo de viver para elas.

E agora a história mudou é m.ão/ Cês se perguntam por que agora as mina rima sim/ Esse som é confirmação (que as mina rima sim)/ Por muito tempo a nossa voz (não foi ouvida assim)/ Segura o peso e as mensagens, o choro é livre e fim! (*Cypher* - Rimas & Melodias).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário de um artigo científico que busca tecer análises na busca de conclusões, seja para conformar seu argumento, seja para apontar novas maneiras de análise, o presente ensaio não permite tal tipo de raciocínio. No entanto, após colocar autoras tão diversas, que produzem conhecimentos com linguagens, métodos e pressupostos tão diferentes, consigo apontar dois caminhos que o presente trabalho nos ajuda a construir.

O primeiro é apontar o fato de romper com a ideia dualista que separa corpo e mente. Entender o corpo como um todo que, ao mesmo tempo, vive a experiência e elabora sobre ela, é uma tentativa de sair dessa abordagem. A compreensão de que o corpo, assim como a mente, ocupa diferentes espaços e lugares no mundo que irão influenciar o modo como os conhecimentos são produzidos pode nos ajudar a compreender melhor o próprio modo de fazer ciência. Ou seja, localizar corpos e mentes e dar um sentido social a essa posição são as principais contribuições das críticas feministas da ciência. Isso porque é o que nos permite, inclusive, localizar, *gendrar* e racializar corpos de pessoas que são apenas reconhecidas por suas mentes e, assim, compreender suas produções também a partir disso.

Em segundo, utilizar a linguagem da música, e de um tipo específico dela, pode também fortalecer o diálogo entre diferentes pensadoras que escrevem e publicizam suas ideias a partir de meios e mídias diferentes, cada qual podendo dialogar com um público próprio. Ou seja, cria-se uma projeção de circulação

dessas pensadoras, de modo que sejam lidas e ouvidas não apenas por quem se interessa por determinada área, de modo que os tipos de linguagens permeiem lacunas e espaços até então existentes.

Mais do que fechar cada uma em seu próprio quadrado, a ideia foi misturar autoras que talvez não apareceriam juntas em outros espaços, mesmo que falando quase as mesmas coisas, só que com palavras diferentes. E celebrar corpo máquina, corpo ciborgue, corpo festa e todas as variações de corpos que sentem e produzem conhecimentos, seja científico seja artístico.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. “The question of social transformation”. In: *Undoing Gender*. London: Roudedge, 2004.

COLLINS, Patricia Hill. “Aprendendo com a *outsider within**: a significação sociológica do pensamento feminista negro”. *Revista Sociedade e Estado*, vol. 31, nº 1, 2016.

_____. “Rasgos distintivos del pensamiento feminista negro”. In: Jabardo, M. (ed.). *Feminismos Negros: uma antologia*. Madrid: Traficante de sueños, 2012, pp. 99-134.

DE LAURETIS, Teresa. “A tecnologia de gênero”. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 206-242.

GONZALEZ, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

HARAWAY, Donna. “Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o

privilégio da perspectiva parcial”. *Cadernos Pagu*, nº 5, 1995.

HORKHEIMER, Max. “Teoria tradicional e teoria crítica”, In: BENJAMIN, Walter *et all. Os pensadores. Textos escolhidos*. São Paulo: Editora abril, 1975[1937]

LUGONES, María. “Colonialidad y género”. *Tabula Rasa*. Bogotá - Colombia, No.9: 73-101, julio-diciembre. 2008.

NASCIMENTO, Beatriz. “A mulher negra e o mercado de trabalho”. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019a.

_____. “A mulher negra e o amor”. In HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019b.

ORTNER, Sherry. “Dark anthropology and its others: theory since the eighties”. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, 6 (1), 2016, pp. 47–73.

OUTRAS REFERÊNCIAS

<https://www.lettras.mus.br/rimas-e-melodias/cypher/>

<https://www.lettras.mus.br/rimas-e-melodias/coracao/>

<https://www.lettras.mus.br/rimas-e-melodias/elza/>

<https://www.lettras.mus.br/rimas-e-melodias/manifesto/>

<https://www.lettras.mus.br/rimas-e-melodias/origens/>

<https://www.lettras.mus.br/rimas-e-melodias/vivencia/>

THEORIES & OTHER WRITING: THE BLACK FEMINIST THOUGHT AND ITS MULTIPLE EXPRESSIONS

ABSTRACT: The present essay revolves around the conception and development of feminist criticism, especially by the authors Judith Butler, Patricia Collins, Donna Haraway, Lélia Gonzalez and Beatriz Nascimento, delving into the specificities of each one in dealing with science, with knowledge and in knowledge about gender relations and race relations. In addition to the findings observed in the author's works, I mobilize the rap and soul group Rimas & Melodias as interlocutor of black feminist thought. The idea is to talk about themes, concepts and terms worked by the authors in order to find points of convergence and distances between academic language and artistic language, returning to the point that both are important for the understanding of black feminism. As a conclusion, the diversity of bodies as knowledge producers is reiterated.

KEYWORDS: Black feminist thought. Feminist criticism of science. Localized Knowledge.

TEORÍAS Y OTRAS ESCRITURAS: EL PENSAMIENTO FEMINISTA NEGRO Y SUS MÚLTIPLES EXPRESIONES

RESUMEN: El presente ensayo gira en torno a la concepción y desarrollo de la crítica feminista, especialmente por parte de las autoras Judith Butler, Patricia Collins, Donna Haraway, Lélia Gonzalez y Beatriz Nascimento, profundizando en las especificidades de cada una al abordar la ciencia, con el conocimiento y el conocimiento sobre relaciones de género y relaciones raciales. Además de los hallazgos observados en las obras de las autoras, movilizo al grupo de rap y soul Rimas & Melodias como interlocutor del pensamiento feminista negro. La idea es hablar sobre temas, conceptos y términos trabajados por las autoras con el fin de encontrar puntos de convergencia y distancias entre el lenguaje académico y el lenguaje artístico, volviendo al punto de que ambos son importantes para la comprensión del feminismo negro. Como conclusión, se reitera la diversidad de cuerpos como productores de conocimiento.

PALABRAS CLAVE: Pensamiento feminista negro. Crítica feminista de la ciencia. Conocimiento localizado.